

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MITO EROS E PSIQUÊ: ARQUÉTIPO DO FEMININO E DOCÊNCIA

Fátima Tailize Barros Machado

Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC

Eixo 1- Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

Ao pensarmos na escola hoje, lembramos de um espaço que é habitado, profissionalmente, majoritariamente por mulheres. Mulheres cujo o ofício é ensinar. Pensando nestas mulheres, é possível pensar a constituição do modo de fazer docência das professoras a partir do seu próprio processo de individuação e dos elementos contidos no mito Eros e Psiquê? A individuação é um conceito abordado por Jung (2016), que tem como finalidade o desenvolvimento pessoal e a realização completa do “si mesmo” guiado pelas forças instintivas. Partindo deste pressuposto, este trabalho objetiva compreender como as tarefas do mito Eros e Psiquê podem refletir nos modos de fazer docência e no processo de individuação das mulheres professoras.

No mito, Psiquê recebe quatro tarefas da deusa Afrodite. A realização das tarefas é necessária ao processo de individuação de Psiquê e da busca de Eros. Em algum momento da vida as mulheres passam pelo processo de individuação de sua própria psique e o confronto com a deusa Afrodite. Algumas mulheres tem no seu processo tarefas muito dolorosas, momentos de dor e aflição e essas tarefas se apresentam de formas diferentes para cada mulher. Esses eventos, os quais chamamos de tarefas da Psiquê, são acontecimentos palpáveis na vida das mulheres, não somente transformações dadas de modo inconsciente. As tarefas recebidas por cada mulher é o que permite que o processo de individuação se torne completo e assim possa encontrar e nutrir a força arquetípica do feminino.

No processo de individuação, que é algo pessoal e intransferível, a mulher que é professora, após as turbulências, acaba por encontrar seu próprio modo de fazer docência, que se dá, muitas vezes, a partir do reconhecimento de si mesma, da sua

formação profissional, do ambiente ao qual está inserida, dos acontecimentos da sua vida e da sua própria história.

Nos dias atuais temos muitas informações sobre a quantidade de conhecimento que a escola deveria transferir a seus alunos e como esse conhecimento deveria ser transferido, porém, muito pouco se fala de uma educação onde o profissional possa escutar a própria alma. Essa escuta tornaria a professora mais sensível a própria prática e não menos profissional.

Cavalcante (2015) traz a Educação Biocêntrica como modelo de educação sensível, pois para ela a educação trata-se da “integração entre a expressão da vida e a construção do conhecimento” (p.47). Nesta epistemologia, a vida é o que impulsiona o processo de desenvolvimento da aprendizagem, podendo assim impulsionar o processo de individuação e a formação das professoras, pois tais processos não acontecem de maneira isolada. A formação em questão, refere-se àquela que acontece no decorrer da vida e da carreira das professoras, não trazidas exclusivamente como modelo de formação em um dado momento ou que objetiva formá-las em algo. A esta formação, mas não exclusivamente a ela, relaciono as tarefas do mito Eros e Psiquê, trazendo elementos de um mundo invisível da mitologia, porém que se torna visível no processo de individuação e formação das professoras.

Na primeira tarefa do mito, Psiquê é convocada a separar os grãos espalhados ao chão pela deusa Afrodite. A jovem percebe esta tarefa como inexecutável, e não tenta realizá-la, porém, uma formiguinha passa por ali e percebe o desespero de Psiquê, convocando suas irmãs para executar o trabalho dado a pobre moça.

No decorrer da vida profissional é comum as professoras irem misturando, desordenando sua prática pelo tanto de informações, experiências e conhecimento as quais são submetidas. Com esta tarefa dada a Psiquê é possível compreender a importância de fazer a separação do que é necessário para construção do modo de ser docente da professora, o que é valioso manter em sua bagagem profissional e o que não faz mais sentido. Além disso, a professora pode aprender a selecionar quais informações servem de valor para construção do seu modo de fazer docência, que advém da sua singularidade. A quantidade de informações, experiências e conhecimento é o monte que ao mesmo tempo que é desorganizado-caótico, é fecundo, trazido por Neumann (2017):

O monte desorganizado da mistura de sementes, frutos e grãos, que Psiquê recebe como tarefa de Afrodite para ser separado e organizado por espécies, é ao mesmo tempo o desorganizado-caótico e fecundo monte de talentos e

possibilidades que estão disponíveis no feminino, tal como Afrodite vê a feminilidade. Somente depois da extraordinária ação de Psiquê um princípio espiritual, inconsciente e terreno, que trabalha para ela e lhe prepara o material desorganizado (NEUMANN, 2017, p.118).

O princípio espiritual traz elementos do inconsciente, ao mesmo modo que é terreno, isso significa que é inconsciente, porém instintivo, ou seja, a capacidade de saber o que é necessário para a sua formação profissional sem que esse conhecimento seja buscado nas formações corriqueiras oferecidas pelo sistema. Esse saber vem das forças terrenas, assim como foi a ajuda recebida por Psiquê, que chegou através das formigas.

Após a separação dos grãos, Afrodite dá a segunda tarefa a Psiquê, que tem como finalidade recolher flocos de lã de ouro do dorso de ovelhas ferozes. Mais uma vez Psiquê desanima, pois acredita ser incapaz de recolher os flocos de lã. Dessa vez ela recebe orientação de um caniço verde com sua voz melodiosa. O caniço orienta Psiquê a esperar o sol se pôr para que as ovelhas descansem e assim possa recolher os flocos de lã que ficam presos em um plátano sem o risco de se ferir.

A partir desta tarefa podemos pensar a importância da paciência na educação e na formação docente. Por mais que as professoras tenham passado pela primeira tarefa de organização dos seus fecundos talentos, ainda precisam ser pacientes. A escola responde a um sistema maior que faz os ditames e impõe as regras, qualquer ideia para florescer neste espaço precisa de estruturação, do tempo de espera para que se possa colher os frutos. O sistema é algo que nenhuma professora teria forças para lutar contra, por isso a necessidade da calma e da paciência. Neste caso, o sistema representa as ovelhas ferozes no calor do sol do meio-dia. Neumann (2017) aponta os carneiros como um princípio masculino negativo, nocivo a força arquetípica do feminino:

Psiquê parece estar destinada à morte pelo opressivo princípio masculino, se enfrentar os carneiros ao sol do meio-dia. Esses carneiros correspondem ao tirânico poder espiritual masculino, com o qual o feminino não pode se defrontar. A força arquetípica desse princípio espiritual mortífero é o “Uroboro patriarcal” em seu aspecto negativo, pelo qual o feminino precisa queimar como Sêmele na epifania de Zeus ou enlouquecer como as Miníades, que se opuseram a Dioniso – em vão. Somente uma total abertura ao deus contra esse princípio espiritual, que volta seu lado criativo para o feminino, permite que este continue vivendo. Mas essa vida então é tomada pelo masculino, com todas as bençãos e perigos que essa posse traz consigo (NEUMANN, 2017, p.122).

Por isso a importância da espera nesta tarefa para que as professoras não sejam “engolidas” pelo sistema (relacionado à força arquetípica masculina em seu estado negativo), mas sim, aprendam a como lidar e unir forças para retirar o que é necessário e

evoluir nos estágios do seu modo de fazer docência e no processo de individuação de sua própria psique. Essa união de forças com ao sistema se dá por meio da escuta do próprio instinto feminino, que aparece na tarefa representado pelo caniço verde, por quem Psiquê é orientada a esperar, pois “se o feminino tentasse tirar a força, num contato direto, o que lhe faltava, ele teria de ser destruído” (NEUMANN, 2017, p.124).

Na terceira tarefa, Psiquê é convocada a trazer águas escuras das cascatas que alimentam os rios Cocito e Estige, ambos rios infernais, localizada em uma montanha escorregadia. A deusa Afrodite entrega a menina uma jarra de cristal lisa para que traga cheia destas águas. Mais uma vez a pobre jovem segue sem discutir, portanto, acredita que sua morte está próxima e que não conseguirá executar a tarefa. Mais uma vez ela recebe ajuda, desta vez da águia de Júpiter que, vendo a menina em desespero e em perigo, opta por ajudá-la.

Nesta tarefa Psiquê é convidada a conter no recipiente a força vital que é simbolizada pelas águas dos rios Cocito e Estige. Para que possa conter a força da vida é auxiliada pelo princípio espiritual masculino que a águia simboliza. Quando a professora consegue conter esta força vital, ela consegue tomar decisões, firmar perante a escola e ao sistema sua postura de autoridade no seu modo de fazer docência. A união arquetípica masculino-feminina é o que auxilia na clareza para o firmamento da sua prática e no seu modo de ser docente. Neumann (2017) afirma que “segurando a jarra, a águia já configura a espiritualidade masculino-feminina de Psiquê que, num único ato, “recebe” como mulher, isto é, recebe como vaso e concebe, e ao mesmo tempo compreende e sabe como um homem.” (p.130)

Na quarta e última tarefa, Afrodite envia Psiquê ao inferno para buscar, junto a deusa Perséfone, um pouquinho de sua beleza imortal. Psiquê segue para o Tártaro obedecendo as instruções dadas pela torre de não falar e nem prestar ajuda ninguém. Além disso, deveria levar dois pedaços de bolo adoçados com hidromel para acalmar os cães de Perséfone e duas moedas para pagar a travessia ao barqueiro. Depois de seguir todas as instruções da torre e voltar do inferno, Psiquê resolve abrir a caixinha da beleza imortal afim de conquistar Eros, mas caiu num sono profundo e foi salva por seu amado.

Nesta tarefa Psiquê não é orientada por seus instintos, nem pela força arquetípica do masculino, que foi introjetada por ela, entretanto, a orientação vem da torre que simboliza a consciência.

A própria consciência de Psiquê a orienta por qual caminho seguir e como agir até chegar à deusa Perséfone. Alguns dos perigos deste caminho são a distração e a piedade próprias do arquétipo do feminino trazidos por Neumann (2017). A distração pode ser representada por algo que distraia a mulher de seus objetivos, pois para o autor “a mulher precisa abandonar a ansiedade pela meta que está próxima, em função de um objetivo que está longe e que é abstrato.” (p.139)

Para a mulher professora esta distração pode ser representada pela realização de um trabalho pouco significativo ou que pouco tem de sua alma para agradar as famílias dos alunos, a direção ou até mesmo algum órgão educacional externo. Algumas vezes esse trabalho suga tanto a professora que pode trazer algum adoecimento ou abandono de seus objetivos.

A piedade ilícita, outro fator de risco para o arquétipo do feminino, pode ser lembrada como uma característica não só própria do feminino, mas principalmente, das mulheres professoras. A piedade pode ser compreendida como o abandono da professora ao seu modo de fazer docência para atender a demanda dos outros e tentar resolver problemas dos próprios alunos ou colegas.

Passando pela distração e a piedade nesta tarefa, a professora conseguirá a “caixinha da beleza imortal” e poderá abri-la, não com o consentimento da deusa, mas para o encontro de Eros e a constituição do modo de fazer docência.

PALAVRAS-CHAVE: Professoras; Arquétipo do feminino; Individuação.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTE, R.; GÓIS, C. W. de L. e col. **Educação Biocêntrica:** ciência, arte, mística, amor e transformação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos.** 3 ed. especial. Rio de Janeiro: Editora Harper Collins, 2016.

NEUMANN, E. **Eros e Psiquê:** Amor, Alma e Individuação no Desenvolvimento do Feminino. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.